



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

NÍCOLAS TRIBUZY DE MELLO RODRIGUES

**ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO HOMOSSEXUAL: SUBJETIVIDADE,
SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA**

BRASÍLIA

2023



NÍCOLAS TRIBUZY DE MELLO RODRIGUES

**ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO HOMOSSEXUAL: SUBJETIVIDADE,
SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Lívia Campos e Silva

BRASÍLIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha professora orientadora, Lívia Campos, pela inspiração, apoio, paciência e sabedoria compartilhados durante todo o percurso deste trabalho, desde a sua concepção como projeto.

Agradeço imensamente aos meus amigos, que estiveram ao meu lado, trocando ideias, percepções, dúvidas, medos, queixas e sugestões sobre a temática. Os mesmos também me forneceram amparo emocional quando precisei, duvidando que fosse capaz de terminar esta pesquisa de forma satisfatória.

Devo uma menção especial e nominal aos amigos que me ajudaram objetivamente a encontrar os personagens aqui relatados: Ana Rafaela Mendes, Grasielle Franzol e Rodrigo Ferreira. Não posso deixar, contudo, de mencionar todos que tentaram me ajudar, indicando e buscando pessoas para me ajudarem a realizar a pesquisa: Aíla Cohim, Luana Gonçalves, Letícia Resende, Igor Ferreira, Vivien Doherty, Carlos Henrique Sousa e Brenda Tribuzy. Além desses, que estiveram mais próximos a mim no percurso, outros também se fizeram presentes à sua maneira.

Agradeço também aos meus pais e minhas irmãs, pelo apoio incondicional, pelo amor, carinho e pela força, sempre presente em toda minha vida.

Agradeço aos quatro participantes, aqui retratados com nomes fictícios, porém que suas histórias e seus nomes sempre levarei comigo como aprendizado.

Agradeço ainda à minha psicóloga, Juliana Falcão, pelo suporte emocional proporcionado durante todo o período de realização desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar como ocorre subjetivamente o processo de envelhecimento de idosos e idosas homossexuais. Uma vez que essa população muitas vezes se encontra marginalizada da sociedade, dos debates e das pesquisas no campo da saúde, esta pesquisa visou diminuir a lacuna existente nas pesquisas relativas à temática no campo da saúde no Brasil. Para isso, buscamos compreender os impactos subjetivos produzidos por uma sociedade estruturalmente homofóbica nos idosos homossexuais. Além de observarmos questões que trazem sofrimento, como maior propensão à solidão e violências intrafamiliares, buscamos ainda entender as estratégias de resistência empregadas por esse grupo. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativa e exploratória, por meio da análise do discurso e com base nas articulações teórico-clínicas da psicanálise. Nesse sentido, buscamos esmiuçar os sentidos, aparentes e encobertos, das experiências dessa população. Para o trabalho foram entrevistados, por meio de uma entrevista semi-estruturada, quatro participantes homossexuais, dois homens e duas mulheres, todos cisgêneros. Os resultados nos mostram que o medo da solidão, a pressão estética e a homofobia são alguns dos significantes que marcam a trajetória desse grupo. No entanto, a resistência, a vontade de viver e as alegrias também se mostraram mais presentes do que era esperado pelos pesquisadores. A relevância desse estudo reside, portanto, em para além de abordar questões sociais, trazer a importância do sujeito para o centro, de acordo com princípios psicanalíticos, que proporciona uma compreensão mais profunda das complexidades emocionais vivenciadas por esses indivíduos. Ao explorar as estratégias de resistência empregadas por idosos homossexuais diante das adversidades, o trabalho contrasta ponto de sofrimento com a resiliência e a força desse grupo.

Palavras-chave: envelhecimento; homossexual; vivências.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
As diferentes relações com a velhice	9
Relações com a família	12
Questões relativas à saúde física e mental.....	13
3. MÉTODO	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
Sentidos produzidos pelo envelhecimento	18
Violências e sofrimentos específicos da população idosa homossexual	23
Perspectivas futuras positivas e resistências	31
Espiritualidade e morte	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	44
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	48

1. INTRODUÇÃO

A população idosa no mundo tem crescido exponencialmente nos últimos anos a uma percentagem muito maior do que outros grupos etários. De acordo com os dados publicados pela Organização das Nações Unidas em 2019, atualmente cerca de 14% da população mundial é composta por idosos com mais de 65 anos. Contudo, em 2050, esse número é estimado a representar 24% da população global.

No Brasil, a diferença entre essas percentagens é ainda mais significativa que a média global. Atualmente, cerca de 13% da população é composta por idosos com mais de 65 anos. Porém, estima-se que em 2050 os idosos cheguem a representar 35% da população total do país. Ou seja, mais que o dobro da quantidade atual. Caso os dados populacionais projetivos estejam corretos, o número absoluto chegará a mais de 52 milhões de brasileiros com 65 anos ou mais em 2050 (Organização das Nações Unidas, 2019).

Além disso, atualmente, a faixa etária de idosos com 80 anos ou mais é a de maior crescimento global. As Nações Unidas estimam que até 2100 esse grupo represente, em números absolutos, 909 milhões de pessoas (Goldsen & Vries, 2019).

Esses dados nos apontam para a crescente longevidade da população, bem como revelam a necessidade de entendermos melhor as demandas gerais desse grupo e suas particularidades, ou seja, os aspectos que os diferenciam, como os diversos marcadores sociais, de gênero, classe e orientação sexual. Levando em consideração o recorte relativo à orientação sexual, uma dessas comunidades é a população homossexual idosa.

Goldsen e Vries (2019) e Silva e Araújo (2020) concordam ao discorrerem que as pesquisas sobre envelhecimento LGBTQIA+ no mundo têm se tornado cada vez mais numerosas ao longo dos anos. Apesar dessa transformação, os autores afirmam que ainda são poucas e há lacunas significativas nas pesquisas relativas à visibilidade e atenção específica relacionando orientação sexual, identidade de gênero e velhice.

No contexto brasileiro, as pesquisas, institutos governamentais e organizações civis que visam compreender essas particularidades e prestar apoio a essa parcela da população são ainda mais escassos. Em países como os Estados Unidos, instituições governamentais

como, por exemplo, o National Resource Center on LGBTQ+ Aging, se empenham em promover estudos e iniciativas de apoio direcionadas a essa comunidade.

No nosso país, no entanto, não há projetos promovidos pelo governo para atender às problemáticas específicas do envelhecimento da população LGBTQIA+, tais como: “maior fragilidade física, maior probabilidade de viver sozinho, medo do futuro, da rejeição familiar e marginalização social e a baixa disponibilidade de recursos e apoios necessários” (Rabelo & Davi, 2020, p. 47).

Existem, porém, iniciativas civis como a ONG Eternamente Sou, que tem sede em São Paulo e se apresenta como um Centro de Referência para idosos LGBT+, buscando diminuir a invisibilização e desenvolver projetos e oportunidades voltados ao atendimento psicossocial dessas pessoas.

No entanto, levando em consideração os números apresentados anteriormente sobre o envelhecimento da população, faz-se necessário que existam mais pesquisas buscando compreender essa comunidade e suas peculiaridades, principalmente por profissionais da saúde, em especial psicólogos.

De acordo com Santos et al. (2020), o estigma sobre a população LGBTQIA+ idosa aparece até mesmo entre jovens LGBTQIA+. Os autores nos mostram que algumas das representações produzidas na nossa sociedade em relação aos idosos LGBTQIA+ são de que sejam pessoas “solitárias, deprimidas e que se colocam em situações de risco de maneira constante, pois as redes de sociabilidade LGBT atuais não as aceitam em seu meio” (Santos et al., 2020, p. 8).

Pessoas homossexuais são representadas socialmente por terem relacionamentos estáveis menos duradouros do que pessoas heterossexuais. Além disso, questões como casamento e filhos, comparativamente, não se fazem muito presentes no cotidiano desses casais. Hoje em dia, apesar de termos a sensação de diminuição, o preconceito enfrentado por crianças, adolescentes, adultos e idosos homossexuais ainda é presente e pulsante nas entranhas da sociedade, nas escolas, nas famílias e nas outras instituições.

Enquanto esse preconceito se mantém vigoroso, o número de mortes de pessoas LGBTQIA+ no nosso país ainda escancara uma realidade nítida e mórbida: apenas alguns espaços, simbólicos ou não, podem ser ocupados por LGBTQIA+, dentro de determinadas

circunstâncias e sob certas regras.

Um desses espaços é o da velhice. Não só no Brasil, como também no mundo, como nos lembram Silva e Araújo (2020), as pesquisas sobre idosos LGBTQ+ ainda são insuficientes e invisibilizam essa comunidade em diversos aspectos que são próprios às vivências dessas pessoas.

As políticas públicas voltadas especificamente para este público são inexistentes no Brasil, ao contrário de alguns outros países. Dessa maneira, o idoso LGBTQIA+, de forma geral, se encontra em um local de vulnerabilidade e invisibilidade. Nesse sentido, esta pesquisa visa incentivar a construção de recursos teórico-práticos para a atuação de profissionais de diferentes áreas que se dedicam à atuação com idosos, principalmente profissionais da saúde.

Durante a pesquisa teórica para a realização deste projeto em plataformas como o Google Acadêmico, foram encontrados, relativamente, poucos artigos sobre o tema. Algumas pesquisas realizadas, que dão volume ao número existente, têm o caráter de serem novas pesquisas feitas pelos mesmos autores de pesquisas anteriores. Ou seja, as pesquisas, bem como os pesquisadores que buscam tratar dessa temática, ainda são escassas.

Outras especificidades de sexualidade e gênero que vão além de homens homossexuais cisgênero e mulheres homossexuais cisgênero poderão ficar como desencadeadores de outras pesquisas. Contudo, por conta do recorte selecionado, esta pesquisa visa um aprofundamento nas questões relativas à orientação sexual de idosos e idosas homossexuais.

Nesse sentido, esta pesquisa objetiva contribuir para o avanço acadêmico sobre algumas das múltiplas realidades existentes, como afirma Lira (2018), dentro dessa comunidade, pois os estudos sobre idosos homens e mulheres homossexuais ainda são insuficientes se comparados às vivências de idosos heterossexuais.

Dessa maneira, trata-se neste estudo de levantarmos as seguintes questões: de que maneira o envelhecimento afeta a saúde mental da população homossexual? Como isso se articula à violência homofóbica? Que tipo de significados podemos encontrar no que tange à velhice na fala de idosos e idosas homossexuais? Quais são os medos, incertezas e alegrias acerca do presente e do futuro desses idosos?

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar como o processo de envelhecimento é experienciado por idosos e idosas homossexuais. Partindo da psicanálise, trata-se de fazer uma análise dos sentidos, aparentes e encobertos, presentes na experiência subjetiva de mulheres idosas e homens idosos no que se refere ao fenômeno do envelhecimento e sua articulação com processos relacionados à vivência de uma sexualidade heterodissidente.

Considerando esse objetivo geral, foram delimitados alguns objetivos específicos:

(i) analisar de que forma a orientação sexual produz impactos nos processos psíquicos das pessoas dessa faixa etária, levando em conta, para tanto, as dimensões sócio-histórica, cultural e política.

(ii) examinar os efeitos subjetivos acarretados pela homofobia e suas implicações nas dinâmicas de sofrimento psíquico e nas estratégias de resistência e cuidado à saúde mental.

(iii) identificar as consequências subjetivas dos estereótipos relacionados ao envelhecimento desse grupo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerando o que foi exposto acima, de forma a embasar teoricamente este trabalho, apresentaremos algumas das bases conceituais que orientam a elaboração deste projeto. Para fins didáticos, iremos partir de três eixos principais: (i) as diferentes relações com a velhice, (ii) relações com a família e (iii) questões relativas à saúde física e mental.

As diferentes relações com a velhice

Ao contrário do que muitos podem crer, a velhice não é homogênea, ou seja, não possui o mesmo sentido para diferentes grupos, mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+.

Alves et al. (2020) afirmam que por muito tempo a categoria idosos foi estereotipada e tida como única, o que dificultou o aprofundamento das discussões acerca das especificidades existentes nesse grande grupo.

A psicóloga sanitária Kalline Lira (2018) cita o estudo de Simões (2011) para defender que os homens homossexuais não enxergam a velhice da mesma forma que os heterossexuais. A pesquisa de Simões (2011) nos mostra que, de forma geral, os homens homossexuais rejeitam e procuram não vivenciar a representação social ocidental que recai sobre os idosos de decadência física, reclusão, isolamento e passividade.

Essa maneira diferente de enxergar os momentos da vida a partir do desenvolvimento subjetivo singular de cada um está alinhada às ideias, como nos lembra Lira (2018), de que a velhice não deve ser pensada como uma classe uniforme, mas que se desdobra simbolicamente de diferentes formas em cada pessoa inserida nos diversos contextos sociais e históricos.

De acordo com a ótica psicanalítica, o sujeito é estruturado a partir das relações que desenvolve com o inconsciente. Por sua vez, Freud postulou que o inconsciente desconhece noções de tempo, ou seja, é atemporal e não envelhece (Mucida, 2019).

Contudo, segundo Freud (1904/2017), não seria recomendado aos idosos passar por um processo psicanalítico. A justificativa para isso seria de que as pessoas mais velhas teriam dificuldade de mudar, pois suas defesas já estão muito sedimentadas. Além disso, o tempo demandado pela análise, que passa pela rememoração da história do sujeito para o encontro da gênese do sintoma, seria longo, o que é contraditório com o tempo de vida restante dessa pessoa.

Atualmente, porém, a leitura de psicanalistas a respeito dessas declarações, como Ângela Mucida (2019), nos mostra que Freud estava enviesado com noções preconceituosas de sua época, além do fato de que a expectativa de vida global na época era muito menor. Mucida (2019) expõe que a psicanálise, por muito tempo, negou a ideia de pensar sobre a velhice como uma categoria específica, fato que vale ser melhor debatido.

Contudo, devemos atentar para o fato de que o entendimento sobre a velhice perpassa diretamente a época, os valores e o contexto cultural no qual ela se insere. A velhice como categoria social, deslocada de seu tempo e de marcadores específicos, não diz muito sobre o que estamos debatendo. Mucida (2019) argumenta que o entendimento individual e coletivo de velhice está relacionado com os significantes culturais que afetam o sujeito, sendo assim um efeito do discurso.

Da mesma maneira, a sexualidade humana não pode ser pensada como algo geral, bem como finalizado ou diretamente atrelados à biologia, uma vez que ela é construída e está conectada ao desejo e às experiências individuais e culturais inseridas em cada sociedade (Alves et al., 2020). Um dos homens homossexuais entrevistados por Simões (2011, p. 12) afirma se ver diferente dos demais de sua idade, se enxergando como “mais ativo, mais atirado, mais vivo”. Além disso, também comenta que as outras pessoas de sua idade “estão tão mais abatidas, tão caídas. Eu não vejo aquilo como futuro pra mim. Acho que esse modelo de velho para as pessoas que passaram pelo que eu já passei, ainda está para ser criado” (Simões, 2011, p. 12).

As mulheres lésbicas, por sua vez, como nos lembram Lima et al. (2020) e Alves et al. (2020) têm suas singularidades ainda mais invisibilizadas, uma vez que a própria sexualidade de mulheres heterossexuais ainda é assunto tabu em nossa sociedade. Esse tabu é maior ainda quando falamos de mulheres homossexuais e idosas, uma vez que a sociedade exclui tanto as pessoas idosas quanto as mulheres lésbicas, o que torna essa vivência um desafio de maior magnitude.

De forma geral, sobre as mulheres em idades avançadas recai o estereótipo de “anijificação” e assexualidade de seus corpos (Fernandes-Eloi et al., 2017), o que dificulta mais ainda a visibilidade das questões específicas das lésbicas idosas.

Os estudos feitos sobre mulheres lésbicas na gerontologia só começaram a aparecer no final da década de 1980, anos depois das questões de homens homossexuais terem sido colocadas em pauta (Alves et al., 2020). Os estudos existentes hoje em dia, no entanto, partem, em sua maioria, de recortes relativos às mulheres brancas, de classe social média e com ensino superior, o que nos mostra uma lacuna relativa à existência de outras identidades e experiências (Lima et al., 2020).

Relações com a família

Comumente, os laços com a família biológica e com os amigos são essenciais em qualquer etapa da vida. No entanto, como afirmam Cronin e King (2012), os laços familiares são mais frágeis do que os demais laços construídos ao longo da vida dos indivíduos LGBTQIA+, principalmente por conta da rejeição às orientações sexuais e identidades de gênero que vão contra as normas sociais dominantes.

Essa descoberta vai ao encontro do estudo de Lira (2018), quando a pesquisadora afirma que um fenômeno social ligado à população LGBTQIA+ em processo de envelhecimento é uma maior ausência da família quando comparado às falas comuns de idosos heterossexuais.

A maioria dos participantes da pesquisa de Lira (2018) relatou medo de ficarem sozinhos no futuro porque não têm contato próximo com familiares, com quem estabelecem relações complicadas, uma vez que alguns os desprezam por conta da homofobia. Além disso, também relatam que o fato de não terem filhos é um agravante: “se ficar muito doente, um câncer, sei lá! Algo grave... quem vai cuidar de mim?” (Lira, 2018, p. 159).

Para diminuir o espaço deixado pela falta da família que os rejeita em suas vidas, muitos indivíduos LGBTQIA+ se reúnem entre semelhantes no que Alves et al. (2020, p. 147) definem como comunidades “*Family Members by Choice*”. Ou seja, indivíduos que partilham relativamente as mesmas vivências, inclusive a rejeição familiar, e produzem esses espaços simbólicos, ou não, de trocas e apoio. Esses autores (2020, p. 147) destacam que há vários benefícios que idosas lésbicas, por exemplo, ganham ao construir essa rede de apoio que as fortalece “no tocante a sua identidade de gênero e sexualidade”.

Contudo, nem todos os participantes do estudo de Lira (2018) afirmam não ter relação amistosa com pelo menos uma parte da família, o que nos mostra que os contextos que os idosos LGBTQIA+ se inserem são distintos e não podem ser generalizados, mas devem ser compreendidos em sua multiplicidade.

De acordo com Lira (2018), o contexto familiar é um fator relevante para a saúde mental dessa população, uma vez que uma família afetuosa e que não reproduz homofobia diminui os riscos de problemas como, por exemplo, o abuso de substâncias químicas.

Questões relativas à saúde física e mental

Os participantes do estudo de Lira (2018) mostram se preocupar com o futuro, especialmente quando relacionado às questões de saúde, uma vez que a vivência deles depende diretamente de como estão seus estados de saúde, muitas vezes fragilizados por questões próprias às vivências LGBTQI+.

Em concordância com achados de Lira (2018), Alves et al. (2020, p. 144), baseiam-se em estudos diversos para postular que o sentimento de solidão é maior entre os velhos LGBTQIA+, uma vez que “convivem com estigmas sociais e preconceitos constantes. Essa condição pode acarretar o surgimento de doenças mentais e físicas (e.g. depressão, alcoolismo, obesidade, etc), que são menos frequentes em idosos heterossexuais”.

No tocante às políticas para idosos LGBTQIA+, Lima et al. (2020) afirmam que a ausência dessas, decorrentes da invisibilidade social, é uma das dificuldades a serem enfrentadas, já que as orientações específicas voltadas para essas pessoas no Brasil é basicamente nula nos documentos produzidos pelo Estado, principalmente pelo Ministério da Saúde.

De acordo com Lima et al. (2020, p. 160), baseados em uma publicação feita pela Sociedade Americana de Geriatria em 2015, a discriminação sentida pelos homossexuais idosos quando são atendidos por profissionais da saúde é um dos principais empecilhos para um atendimento digno, assim como contribui “para o afastamento desse grupo etário dos serviços de saúde. Dentre as situações de discriminação, está a recusa de cuidados médicos e declarações depreciativas emitidas pelos profissionais, o que colabora para que esses idosos não relatem sua orientação sexual”.

3. MÉTODO

Este trabalho, de natureza qualitativa e exploratória, foi desenvolvido com base nos princípios metodológicos da Análise de Discurso, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise.

As pesquisas de base exploratória são dinâmicas e variadas. Elas se configuram como tendo a finalidade de investigar um problema a fim de aumentar a compreensão sobre ele através de pesquisas bibliográficas, entrevistas relativas às situações elencadas e análise dos exemplos que deixam mais claro o entendimento sobre o que está sendo suscitado. Dessa forma, o estudo se torna mais explícito e as hipóteses são construídas de maneira mais sólida (Gil, 2017).

A pesquisa qualitativa, como afirmam Minayo e Sanches (1993, p. 244), está inserida no “campo da subjetividade e do simbolismo”. Ou seja, busca compreender os fenômenos e as relações humanas de maneira profunda, atentando para os significados que são produzidos na interação do humano com o mundo e a partir da aproximação entre sujeito e objeto.

Portanto, a pesquisa de orientação qualitativa visa trabalhar com uma amostra reduzida, abordada de forma complexa e intensa, buscando a investigação de sentidos manifestados pela linguagem (Minayo & Sanches, 1993).

A presente pesquisa parte do vínculo indissociável entre o domínio subjetivo e o campo dos fenômenos sociais, culturais e políticos. De um ponto de vista psicanalítico, a inserção de uma fronteira rígida entre indivíduo e sociedade é, além de antifreudiana, improdutiva clínica e epistemologicamente, caso se deseje levantar um olhar sensível e crítico, preocupado com os efeitos psíquicos acarretados pelas instituições e pelo laço social (Rosa & Domingues, 2010).

Um dos métodos utilizados no campo da pesquisa qualitativa é a Análise de Discurso, tal como proposta pelo filósofo francês Michel Pêcheux. Para começarmos a definir a Análise de Discurso, devemos entender, como propõe Orlandi (2005), que o significado de discurso não está diretamente atrelado ao texto. O discurso é definido como algo mais amplo, que está além das significações objetivas e lineares contidas na superfície textual.

Ou seja, o discurso se apresenta como algo que está entrelaçado aos níveis mais profundos do sujeito e toda sua história manifesta através da comunicação, por meio da escolhas das palavras, do gestual, do dito e do não-dito (Silva, 2013).

Não podemos esquecer, em vista disso, que o discurso materializa a ideologia prévia a quem o comunica. Entende-se, dessa forma, ideologia como um sistema ilusório que fazemos do real e que organiza a existência sociohistórica e cultural na qual o indivíduo está inserido, naturalizando certas ações e transformando ideias particulares em princípios gerais e inatos (Bock, 2007).

Nesse sentido, o conjunto de significados presentes no discurso do falante tem a ver com sua história de vida e com o contexto no qual ele está inserido, podendo denunciar questões que não estão presentes conscientemente (Orlandi, 2005).

A fala serve ao pesquisador que utiliza da análise do discurso como um ponto de partida para a construção de significados. Dessa forma, não há a remoção de um véu para atingir um local preexistente na linguagem. Ao contrário, o caminho para atingir o simbólico é construído pelo falante e pelo pesquisador a partir do que é evocado no encontro entre esses dois mundos (Orlandi, 2005).

A articulação do discurso com os princípios psicanalíticos, portanto, é intensa. Uma vez que os dois propõem que há algo a ser criado e ao mesmo tempo descoberto através da linguagem, os sentidos que estão presentes podem ser múltiplos, dependendo da experiência do sujeito que se comunica e do que interpreta. Orlandi (2005, p. 27) lembra que “cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria face a suas (outras) questões”.

A pesquisa em psicanálise, portanto, guarda algumas relações próprias com o método psicanalítico, como o ato de investigar algo que inicialmente não sabemos o que é. O olhar do pesquisador deve, portanto, colocar em suspensão entendimentos antecipados e produzir, a partir da desconstrução de possíveis premissas, um novo campo simbólico e interpretativo de entendimento. Dessa maneira, o dito e o não-dito deixam de ser somente responsabilidade de quem enuncia e passam a ser uma co-criação produzida em articulação com quem interpreta, que também é afetado pelo processo de escuta. É um momento de

encontro entre duas subjetividades, duas lógicas do inconsciente (Silva, 2013; Figueiredo & Minerbo, 2006).

Figueiredo e Minerbo (2006, p. 262) chamam atenção para o fato de que o momento de elaboração realizado pelo pesquisador é um trabalho de “descoberta/invenção que se alimenta do depoimento e, em contrapartida, o enriquece e abre para dimensões psíquicas, individuais e sociais, inesperadas”.

É exatamente essa articulação com o que é manifesto do inconsciente, através de atos falhos, interrupções, esquecimentos e repetições, com o arcabouço social e histórico no qual o sujeito está presente que possibilita ao pesquisador em psicanálise teorizar sobre o discurso, que encontra um canal para fluir e ser simbolizado através da leitura do pesquisador. Durante o momento da entrevista, o pesquisador em psicanálise fica livre para realizar os questionamentos, porém, seguindo os pressupostos psicanalíticos, a associação livre pode ser privilegiada, com um roteiro semiestruturado que servirá de base para o pesquisador guiar alguns questionamentos importantes de serem trabalhos (Silva, 2013).

Após esse momento, na decupagem e interpretação, Figueiredo e Minerbo (2006, p. 263) sugerem que a escuta flutuante pode ser um bom meio de se trabalhar informações, ou seja: a escuta sem objetivar necessariamente o tema central, mas sim um recorte do texto que atue “privilegiando temas, expressões, brechas, palavras, ou quaisquer elementos que sirvam como cunha para desconstruir o texto; uma reconstrução deste texto que permita ao analista criar ali um sentido novo, inesperado, produzindo uma outra verdade sobre o texto”.

Participantes

Participaram desta pesquisa quatro pessoas idosas com sessenta anos ou mais, sendo duas mulheres homossexuais e dois homens homossexuais. Os participantes foram recrutados através da busca pelas redes de contato dos pesquisadores e mediante divulgação nas redes sociais.

Instrumentos

Para atingir os objetivos aqui propostos, foram realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas com idosos e idosas que se auto declararam homossexuais, com duração entre 1h02min e 1h30min. Os materiais utilizados foram: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo A), um roteiro com dez questões semi-estruturadas que nortearam a condução da entrevista (Apêndice A) e um celular que foi utilizado como gravador de voz.

Como critério de inclusão, foram recrutados apenas idosos e idosas que não apresentavam nenhum tipo de doença ou comprometimento cognitivo que lhes retirasse o livre exercício da consciência e da vontade.

Tendo em vista que a pesquisa visa investigar sentidos subjetivos, a entrevista semi-estruturada apareceu como um instrumento privilegiado para possibilitar a abertura de diálogo entre os participantes e os pesquisadores (Gil, 2017).

Local

As entrevistas foram realizadas através da plataforma Google Meet, nos dias e horários combinados com os participantes.

Procedimentos de coleta de dados

Inicialmente, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética do UniCeub. Após aprovação, foi realizado o recrutamento dos participantes. Em sequência, após a aceitação dos participantes, foi solicitada a assinatura do TCLE.

Em seguida, foram agendados encontros através da plataforma Google Meet. À ocasião dos encontros, foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas e em seguida transcritas. Outros detalhes e percepções foram registrados pelos pesquisadores em um diário de campo.

A partir da construção desse material inicial, foi feita uma organização por quatro eixos temáticos que guiaram o processo de interpretação do que foi obtido em primeira instância. Em seguida, os dados foram discutidos e articulados a partir da leitura psicanalítica e dos estudos LGBTQIA+ em conjunção com as bases da análise do discurso.

Procedimentos de análise do material

Para a análise do material, foram adotados os seguintes procedimentos:

- (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso de maneira a verificar como se apresentam as diferentes realidades inseridas tanto no interior da lógica sociocultural macro quanto da lógica individual micro;
- (ii) localizar pontos de interrupção da fala, esquecimentos, repetições, paráfrases e metáforas, de modo a conferir especial atenção aos elementos disruptivos que atravessam a fala e o discurso, impulsionando a construção de uma narrativa que se estende para além da superfície da linguagem;
- (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos para que seja possível traçar conjecturas sobre como os sujeitos são por eles atravessados em seus impactos diretos e indiretos;
- (iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos entrevistados, visto que o conteúdo oculto no discurso muitas vezes aparece como pano de fundo essencial para a compreensão do todo;
- (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes, dado que a associação livre é um dos pressupostos em que se baseia a psicanálise, buscando integrar ideias que de imediato podem não ter relação, mas que por meio de uma análise mais profunda emergem a um olhar mais atento;

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sentidos produzidos pelo envelhecimento

Tem tanta coisa envolvida nisso que assim... acho que tem uma coisa que é de fora para dentro, que para mim é o pior. Quando eu fiz 60 anos... eu tenho 63, vou fazer 64 em Julho e assim... é bem 'toma sua placa de idoso' e eu falei 'não, não quero (risos), não sou idoso, tô fazendo tudo que eu sempre fiz'. E de repente aquilo foi um

marco, que achei uma sacanagem porque era ‘agora você é idoso’ e a plaquinha de idoso é uma pessoa torta se segurando em uma bengala (Carlos, 63 anos)¹.

Envelhecer na sociedade capitalista e globalizada na qual estamos inseridos atualmente, que prima tanto pela novidade, pela beleza e juventude tornou-se, de acordo com Mucida (2019), uma forma atualizada de mal-estar na cultura, ideia teorizada por Freud no final da década de 1920. Até mesmo a palavra idoso tende a ser rechaçada por algumas pessoas que passam da marca dos 60 anos de idade, que, no Brasil, é o marco temporal utilizado para definirmos uma pessoa idosa.

A velhice traz uma realidade difícil de ser sustentada, tanto para as pessoas que estão passando por esse processo quanto para quem o enxerga de fora, a partir de uma lógica, geralmente excludente, que é replicada em nossos discursos. A velhice, dessa forma, “desacomoda, incomoda, principalmente nesse mundo permeado de máscaras do novo” (Mucida, 2019, p.16).

No entanto, não podemos tomar a categoria velhice como um modelo pronto ao qual devemos nos adaptar e aceitar as conseqüentes mudanças. Em concordância com Alves et al. (2020) e Mucida (2019), devemos entender que a velhice, nesse sentido, são velhices, são múltiplas e apresentam realidades distintas e multifacetadas, a depender da cultura, das relações familiares e dos sentidos que foram produzidos ao longo da vida, uma vez que todos envelhecem à sua própria maneira.

Devemos entender também que a velhice, como afirma Mucida (2019), é um efeito do discurso que ronda o momento atual de cada cultura no tempo. A autora é enfática ao afirmar que não podemos fazer uma leitura da velhice como uma categoria geral, uma vez que isso não nos diz muito sobre o sujeito. Por mais que possamos ter uma ideia generalizada de como uma pessoa aparenta ao afirmar estar nos seus 60, 70, 80 ou 90 anos, não conseguimos teorizar somente a partir disso como o envelhecimento se inscreve em sua história.

Joana (66 anos), uma das entrevistadas para a pesquisa, relatou que, para ela, a percepção de que estava ficando velha chegou como um choque:

¹ Os nomes aqui apresentados são fictícios para manter o sigilo dos participantes.

É muito chocante, né? . . . você vai envelhecendo, vai ficando mais experiente, mas aí é outra coisa. Porque assim... você também vai ficando mais insegura quanto à sua beleza. E tem aquela coisa 'ah, mas o que vale é a beleza é interior' mas assim... você... aí você vai vendo aquelas pelancas ali. Assim, é um trabalho que eu hoje com 66 anos não sofro muito, mas eu já sofri muito com a velhice.

A autopercepção da velhice, conforme teorizado por Mucida (2019), se dá a partir do olhar do Outro. Ou seja, o sujeito se percebe por meio da imagem que Outro lhe devolve, uma vez que não existe algo objetivo, para além da idade nos documentos, que possamos utilizar como base para afirmar que alguém está velho.

Essa ideia se articula com o que foi respondido por Carlos (63 anos), quando perguntado sobre os sentidos que são evocados pelo envelhecimento. O entrevistado separou o envelhecimento em dois momentos, de dentro para fora e de fora para dentro. Carlos afirmou que:

De fora pra dentro tem isso, claro, você vai nos lugares e algumas pessoas vão olhar torto pra você porque acham que você deveria estar no sofá, vendo novela . . . Ainda estou trabalhando e todo mundo que encontra comigo fala assim 'mas você já se aposentou, né?' e eu falo 'não, não me aposentei'. E aí: 'mas como? quando você vai se aposentar?' Se eu quisesse, eu provavelmente já estaria aposentado agora, mas tô trabalhando, gente... E é tipo, você é louco, uma decepção, você é uma pessoa idosa, como assim? Você tá velho, você não tem que trabalhar, você agora tem que sentar no sofá e esperar sua morte.

Já de dentro para fora, Carlos definiu esse processo como a realidade que apresenta quando ele olha no espelho ou nas fotos da câmera e toma um susto, porque chega a não se reconhecer: "O espelho é a grande sacanagem. Eu não gasto muito tempo me olhando em lugar nenhum, então quando eu olho... (risos) falo assim 'quem é esse velho que tá me seguindo?'". Carlos seguiu explicando que ao falar isso não estaria negando a velhice, mas entendendo que ser velho é apenas uma das partes de sua vida, já que ele carrega a criança, o adulto e o velho dentro de si: "Então não é a aparência que define apenas. É claro que é uma das características (risos). Claro que eu não abaixo para pegar as coisas no chão com a mesma facilidade que eu tinha com dez anos de idade".

O discurso de Carlos nos exemplifica com clareza o que Mucida (2019, p. 102) pontua ao afirmar que "o velho é sempre o outro no qual nós não nos reconhecemos . . . muitos

idosos percebem as marcas do tempo pelas fotos de si mesmos”. A autora discorre que a imagem produzida pela velhice no espelho pode trazer um reencontro ao estágio do espelho, conceito de Lacan que a autora usa para abordar a formação da imagem do eu, mas, nesse caso, é um “espelho quebrado” (Mucida, 2019, p. 109).

Diferentemente do estágio do espelho na criança, quando ela se identifica como um sujeito único, separado do resto do mundo e possuidor de um corpo integrado, esse novo espelho quebrado provoca uma “aflição, uma inquietante estranheza que, para alguns, anuncia a dependência ao Outro e uma nova alienação do eu” porque se quer aniquilar a essa desagradável e insuportável imagem refletida (Mucida, 2019, p. 109).

A tese principal de Mucida (2019), com base nos princípios psicanalíticos, é de que o sujeito não envelhece, apesar do corpo demonstrar as marcas do tempo. Ou seja, a idade cronológica não necessariamente nos dá um norte fixo sobre o mundo interno que está sendo experienciado pelos sujeitos. Segundo Mucida (2019), há um certo consenso entre os estudiosos da psicanálise que a velhice não modifica o psiquismo, apesar de reatualizá-lo. A autora (2019, p. 35) utiliza o conceito de Le Gouès (2001) de que o corpo envelhece “diante de um psíquico que permanece”.

Essa ideia tem como base o que foi postulado por Freud ao defender que os processos inconscientes, que são a base dos estudos psicanalíticos, não podem ser localizados no tempo, uma vez que o inconsciente é atemporal e a temporalidade somente se inscreve quando levamos em conta a consciência (Freud, 1915/2010).

Os relatos de Carlos se unem aos de Conceição (67 anos) quando ela afirmou: “a primeira coisa que a gente começa a perceber no envelhecimento é no nosso corpo, que existem coisas que antes a gente conseguia fazer com mais agilidade que hoje em dia”. Conceição, assim como todos os outros participantes entrevistados, pontuou que “o corpo vai envelhecendo antes que a cabeça, então pra mim, na minha cabeça, ainda vejo uma cabeça super ativa, jovem, antenada”.

Esses relatos se coadunam com as três principais fontes de sofrimento postuladas por Freud (1930/2010) em *O mal-estar na civilização*: o nosso corpo, que perece e se deteriora; o mundo externo, com as forças da natureza que atuam à nossa revelia e as relações com os outros seres humanos, que sempre terão complicações.

Além disso, Mucida (2019) afirma, a partir de uma leitura lacaniana, que a velhice é o encontro do sujeito com o real, que sofre um enfraquecimento e exige um tratamento do

simbólico e do imaginário. Nesse sentido, de acordo com a autora (2019 p.59), significantes como aposentadoria e cabelos brancos só podem ser entendidos a partir da “cadeia discursiva de cada sujeito”.

Para Joana (66 anos), por exemplo, a aposentadoria apareceu como uma necessidade, uma vez que ela realizava trabalho de campo com povos indígenas e necessitava deslocar-se grandes distâncias:

Não dou mais conta de andar cinco quilômetros no sol, sabe? (risos) Então, nem que eu quisesse trabalhar, eu acho que eu não daria conta mesmo do que eu gosto de fazer. Trabalhar dentro do escritório até daria, mas, assim, não é isso que eu gosto de fazer. E é isso, vai tendo limitações, né?

Já para Afonso (63 anos), que trabalha como diretor comercial de uma empresa em São Paulo, assim como para Carlos (63 anos), professor de uma instituição de ensino superior, a ideia de se aposentar produz mais efeitos negativos que positivos. Ele afirmou que recentemente tem considerado parar de trabalhar: “mas puxa vida, eu não vou conseguir parar porque imaginar levantar, saber que eu tenho que ir só malhar e mais nada porque... como é que vai ser isso na minha vida? Vai ser muito triste”. Conceição (67 anos) também afirmou durante a entrevista que seu trabalho como arquiteta em Brasília é um dos pontos que mais lhe trazem felicidade atualmente: “não penso em me aposentar enquanto eu estiver podendo fazer tudo que faço... eu sinto que acordar e trabalhar me deixa viva. Talvez quando eu estiver um pouco mais baqueada (risos)”.

Ainda em relação às problemáticas que envolvem o trabalho e a aposentadoria, dois entrevistados, Carlos (63 anos) e Joana (66 anos), demonstraram preocupação quanto à vida financeira após a aposentadoria. Joana (66 anos) afirmou que: “a aposentadoria, financeiramente, é uma merda. Diminui o teu salário, né? Então isso é uma coisa limitante. Quando eu tenho todo o tempo do mundo pra viajar, eu não tenho grana pra manter essa vida de viagens, né?”.

Já Carlos (63 anos), ainda em atividade laboral, introduziu o assunto espontaneamente após afirmar ser uma pessoa que enxerga a vida com muita positividade:

Agora uma coisa que pega não só para o homossexual, mas para o hétero também é o lance da aposentadoria, né? Da gente que não trabalha em serviço público, quando se aposenta, se você não fez uma previdência privada e etc... Isso é um terror, né? Que teu poder aquisitivo cai horrores e isso é ruim. Se você não tiver grana pra

sobreviver, não é legal . . . E tudo aumenta, né? Qualquer remedinho custa duzentos e tantos pau [sic].

Ou seja, conforme envelhecemos, a realidade nos apresenta questões que muitas vezes deixamos para pensar somente quando já estão acontecendo e isso produz uma fonte de angústia. No Brasil, a questão da pouca aposentadoria dos idosos é um desafio preocupante e latente nos últimos anos. Nosso sistema previdenciário tem enfrentado dificuldades para sustentar uma população idosa em constante crescimento, que necessita muitas vezes apenas manter uma qualidade de vida básica e digna.

É interessante também observarmos que os quatro sujeitos entrevistados para a pesquisa são participantes de classes socioeconômicas com poderes aquisitivos de médio para alto, levando em conta a realidade do nosso país. No entanto, mesmo assim foi possível perceber durante os discursos que, conforme teorizado por Rabelo e Davi (2020, p. 50), os “custos crescentes de saúde, as restrições financeiras na busca de assistência médica e saúde debilitada” são desafios que, para além de afetarem a população idosa de maneira geral, se constituem como umas das principais fontes de sofrimento de idosos LGBT.

Violências e sofrimentos específicos da população idosa homossexual

Envelhecer é duro, mas eu acho que é duro pra todo mundo. Mas tem essa coisa que em especial eu vejo no homossexual, a presença mais constante da solidão. A presença mais comum entre o homossexual idoso. Eu não sei também como é que é isso. Por exemplo, eu vou pra um asilo, né? E como é que vai ser a minha aceitação entre os idosos héteros, eu vou ter um asilo LGBTQIA+... enfim, né? É complicado, e é uma coisa que eu já tenho que começar a pensar (Joana, 66 anos).

Os efeitos da LGBTfobia são nefastos, sentidos e perpetuados ainda hoje, mesmo que tenhamos tido avanços significativos nos últimos anos. A saída do armário representa um momento de grande tensão para as pessoas dissidentes que querem viver uma vida mais autêntica. Se ainda hoje temos que advogar pelo cumprimento de direitos básicos, por volta da década de 1970, quando a maioria dos participantes estava descobrindo sua sexualidade,

sair do armário era incomum. Afonso (63 anos) comparou sua adolescência com a de pessoas heterossexuais e apontou algumas diferenças:

Na adolescência, eu vi que a vida não era fácil, né? Tudo o hétero faz mais fácil na vida. Lógico que mudou muita coisa e isso a gente deve a desde a Rogéria e a um monte de gente que veio lá atrás, um monte de outras pessoas aí que foram abrindo caminhos e tal. Cada um fez um pedacinho. E a própria parada gay ajudou demais e tal. É... mas eu percebia que era muito mais difícil a vida homossexual, né? Percebo até hoje, ainda é.

Afonso (63 anos) ainda contou durante a entrevista que foi criado em Ribeirão Preto, São Paulo, e acha que por conta da cidade ter um fluxo muito grande de universitários, isso de certa forma o favoreceu, pois as pessoas tinham uma cabeça “menos fechada”. Conceição (67 anos), no entanto, é natural de Cristalina, uma cidade no interior do Goiás, e relata as dificuldades específicas de se apresentar como uma pessoa homossexual em cidades pequenas:

Assim, na cidade pequena é diferente. Quer dizer... naquela época tudo era diferente, mas ainda hoje eu acredito que seja diferente porque meio que todo mundo conhece todo mundo, as famílias sempre tão ali, todo mundo muito próximo, uma família conhece a outra e tudo mais. Então ser homossexual em uma cidade pequena é sempre um evento. Então sempre tinha umas pessoas que eram gays assumidas na cidade, mas eram sempre pessoas caricatas. Então a maioria das vezes as pessoas não assumiam porque iam ficar famosas na cidade e aí todo mundo caracterizava essas pessoas, julgavam, taxavam.

Uma das questões que apareceram com frequência durante as entrevistas foram as relações estabelecidas entre os entrevistados e suas famílias. As falas dos entrevistados estão em concordância com o que foi teorizado por Cronin e King (2012), ao salientarem que as relações de pessoas homossexuais com as famílias quase sempre tendem a apresentar mais desafios que as relações estabelecidas pelas pessoas heterossexuais. Uma vez que a dissidência de orientação sexual muitas vezes evoca conflitos, as relações tendem a ter, no mínimo, percalços que pessoas heterossexuais não necessitam passar (Cronin & King, 2012).

Lira (2018) nos lembra que um dos principais fatores que contribuem para uma boa saúde mental da população homossexual são relações amistosas com os familiares. Os quatro entrevistados expuseram que não sofreram violências abertamente quanto às suas

orientações sexuais no âmbito familiar. Contudo, durante as entrevistas foi possível observar por meio dos discursos que o medo da não aceitação sempre esteve presente e a estratégia empregada, em sua maioria, por eles foi a de manterem-se calados e fugidios em relação à temática.

Olha, a minha mãe era uma mulher muito cabeça aberta, sabe? Mas apesar disso tudo, eu nunca conversei com ela sobre isso. E o meu pai ele era bem fechado assim também, ele morreu já... a minha mãe morreu muito jovem e ela não ficou sabendo, né? Assim, não sabia da minha homossexualidade. Na verdade, ela sabia, só não era falado (Joana, 66 anos).

O discurso de Joana, apesar de apresentar pontos positivos, como dizer que se sentia, de certa maneira, aceita pela mãe, ainda assim nos mostra que muitos homossexuais se sentem compelidos a esconder lados de sua personalidade, vivendo muitas vezes vidas duplas para evitar o estigma e o possível isolamento social advindo do preconceito (Rabelo & Davi, 2020).

Deixar sua homossexualidade subentendida é uma estratégia que pode não ser uma solução eficaz do ponto de vista psíquico, pois a repressão de suas verdadeiras identidades ainda pode pesar emocionalmente e impedi-los de viver uma vida mais autêntica em diferentes contextos. A fala acima apresentada por Joana (66 anos) está em consonância com a fala de Conceição (67 anos) a respeito da relação que estabelecia, e ainda estabelece, com sua família:

O contexto familiar foi um pouco complexo porque assim... eu nunca disse exatamente, nunca contei exatamente. Mas a minha mãe sempre falava das minhas amigas, sempre perguntava, mas eu sentia que ela sempre soube que eram pessoas que tavam [sic] comigo de uma forma diferente, além de uma amizade. Mas eu nunca contei e ela nunca perguntou. E é assim... até hoje. Meu pai também é a mesma coisa. Também nunca questionou, sempre reconheceu como amiga e eu também nunca apresentei de outra forma.

Em relação às relações familiares, Afonso (63 anos) relatou que sua família sabe de sua homossexualidade, mas ainda assim o assunto não é falado abertamente.

Ah, eles sabem, todos sabem. Eu já tive alguns namorados, todos sabem, não há nada escondido. Minha mãe tem oitenta e nove anos, estive lá em casa esse final de semana, ela mora em Ribeirão Preto, e sempre questiona 'você já tem seus sócios,

mas tem que ter alguém e tal' e esse alguém está subentendido que é um 'amigo'. . . Sempre algumas cutucadas assim de primas, né? [em relação à sexualidade] Uma coisa ou outra e tal, mas isso aí cicatriza, né? Mamãe sabia de mim e o resto da família acho que se conversava na cozinha, mas eu tocava o barco e foda-se. Desculpa expressão, né? (risos). Isso já era muito claro há quarenta, cinquenta anos atrás.

A descoberta da sexualidade para Afonso (63 anos), Joana (66 anos) e Conceição (67 anos) aconteceu ainda na juventude, tendo os três tido experiências com o mesmo sexo durante a adolescência ou início da fase adulta. Porém, para Carlos (63 anos), a vivência foi um pouco diferente. Carlos relatou que foi casado com uma mulher e viveu um relacionamento heterossexual durante 23 anos, tendo tido dois filhos como fruto da relação. Para ele, o medo maior no que se refere à família era como seus filhos reagiriam a essa notícia inesperada.

Para mim, o mais complicado sempre foi contar para... eu tenho um filho e uma filha, né? Contar pra eles na época foi bastante... é... é... difícil, né? Medo de não ser aceito, perdê-los, muita coisa, muitos fantasmas. E a partir daí, foi tudo, o resto não importava. Eu já era professor de uma Universidade e senti que começou uma fofoca e cochichos no meu departamento. E, na época, eu tinha Facebook e aí coloquei uma foto com meu então namorado e calou a boca de todo mundo, porque na hora que você deixa assim 'tô cagando para o que vocês tão falando', que na verdade, não devo satisfação a ninguém aí deixa de ser fofoca escondida, perde a graça e vão procurar outra fofoca. E na minha família eu tive principalmente o apoio da minha irmã mais velha, que foi muito importante para mim. Meus pais já tinham morrido. Meu pai morreu quando eu era criança, minha mãe há muito tempo atrás também e então era isso. E os outros... foram... não tem, né? (risos). Vai dizer o quê, né? Não gostei? As pessoas não gostam de muitas coisas e essa é apenas mais uma delas.

É possível depreendermos, portanto, a partir das falas dos quatro participantes que, apesar de Carlos ter se assumido mais tardiamente, seu relato nos permite supormos que ele é o participante que está mais aberto em relação à sua sexualidade para a sociedade de uma maneira geral. Henning (2021), com base em Pugh (2002), no entanto, nos lembra que não podemos estabelecer a saída do armário como uma obrigatoriedade para um envelhecimento bem-sucedido, pois ao afirmarmos isso entramos em um problemático

“imperativo moral” (Henning, 2021, p. 68). O autor ainda afirma que “muitos indivíduos idosos têm vidas bastante satisfatórias, felizes e bem ajustadas mantendo um controle mais estrito das informações sobre sua intimidade e identidade erótico-sexuais” (Henning, 2021, p. 68).

Outra temática relativa ao sofrimento específico da população idosa homossexual, que inicialmente não era uma questão de investigação, mas surgiu durante as entrevistas, foi a relação desses idosos com o surgimento da epidemia de Aids na década de 1980. Afonso (63 anos), relatou que foi profundamente impactado por essa vivência.

Eu peguei a Aids com tudo. Eu tinha aí meus vinte, vinte e um anos quando começou o lance todo. Foi estranho e acho que me marcou mais do que o Covid, porque era uma coisa que a gente ouvia falar ‘ah teve um cabeleireiro Silvinho no Rio que pegou alguma coisa assim e morreu’ . . . Aí teve também um programa chamado TV Mulher, marcou época também, o apresentador era um costureiro, baiano, e esse menino, também jovem, talentoso, acabou morrendo de Aids . . . um dos os casos mais emblemáticos pra gente foi Rock Hudson, que era um um ator de Hollywood, que pegou e era daqueles galãzão, que tinha aquele estereótipo de machão... pegou e acabou falecendo. E aqui no Brasil depois veio Cazuzza, né? Paralelo a isso, eu tinha um grande amigo, ele pegou e já um tempo sem vê-lo, liguei no aniversário dele, a mãe atendeu e falou que ele havia se suicidado. Aí através de amigos em comum fiquei sabendo que ele se suicidou no canavial, deixou um monte de bilhete no carro pra ninguém tocar no sangue, que ele estava contaminado, etc. (Afonso, 63 anos).

Podemos deduzir, portanto, da fala do entrevistado que a Aids se apresentou como um grande fantasma para a geração que viveu a juventude nos anos 1980. Brito e Rosa (2018, p. 761) afirmam que no Brasil, as lutas pela liberação dos corpos, que começou ainda nos anos 1960 em escala global, aconteciam “na mesma medida que o preconceito e a violência também avançavam no contexto social”.

Brito e Rosa (2018) nos lembram ainda que a doença ficou conhecida popularmente como “câncer gay” e um “castigo divino” e, portanto, teve efeitos devastadores em toda a subjetividade da população que viveu o período. Joana (63 anos) relatou que a época a impactou profundamente porque ela perdeu muitas pessoas de seu convívio. Além disso, a

entrevistada também ressaltou as perdas irreparáveis no âmbito da cultura, uma vez que era um meio que sempre foi interessada e esteve inserida:

Senti muito! [o impacto da Aids] Eu perdi muitos amigos. Só de Brasília eu perdi cinco amigos. Então assim, foi muito impactante. Foi muito impactante! . . . inclusive ela foi rotulada como uma doença gay e masculina, né? No caso, para mim foi uma coisa assim de perdas irreparáveis de personalidades do mundo da cultura, do mundo da dança, do mundo da arte em geral, né? . . . Eu perdi amigos muito próximos. Então foi assim muito impactante. E hoje eu sinto até uma certa preocupação porque, por exemplo, a moçada hoje que tem vinte e poucos anos, eles não viveram, a não ser teoricamente quem se interessou em ler sobre os anos oitenta, e não souberam da porrada que foi, né? Assim, você está aqui um dia, de repente amanhã é diagnosticado com a Aids e era o fim. A gente pegou um bom tempo sem aquele coquetel que salvou as pessoas.

Brito e Rosa (2018) afirmam que a representação social de pessoas que contraíam HIV foi de grande impacto para as gerações que viveram a época e ainda permeiam a subjetividade, tanto coletiva quanto individual de muitas pessoas que foram expostas aos meios midiáticos, que costumava corriqueiramente associar a população LGBTQIA+, e especialmente o homossexual masculino, como “doente, pecador, sujo, moribundo” (Brito & Rosa, 2018, p.757). A argumentação dos autores, ao dizerem que o período foi especialmente assustador porque não havia muito conhecimento científico sobre a doença, vai ao encontro do relato de Conceição (67 anos):

Tive vários amigos que faleceram, amigos muito próximos e outros não tanto, mas conhecidos. Foi um período muito triste, era uma coisa assim... meio desesperadora que ninguém sabia exatamente ainda o que estava acontecendo. A gente tinha que lidar... e as mortes muito rápidas. Foi um período muito depressivo de forma geral assim... acho que pra todos nós.

Além dessa traumática experiência coletiva, outras experiências individuais relativas à orientação sexual foram narradas pelos idosos entrevistados como fonte de sofrimento. Uma dessas experiências foi o abuso sexual que Carlos (63 anos) sofreu quando ainda criança por um padre em sua escola. Ele introduziu o significativo estupro logo no começo da

entrevista, após ser questionado sobre percurso que o levou até a descoberta de sua sexualidade.

Eu fui estuprado por um padre quando eu tinha 7 anos de idade, na escola. E eu assim, não vou dizer que é a causa, mas assim, sinto que isso me mudou. Provavelmente eu obviamente já era... essa minha orientação, sempre fui, e diante da violência acho que eu bloqueei completamente essa possibilidade na vida adiante. Eu sou de uma família de judeus e ele me violentou na capela da igreja dizendo que tava tirando o demônio de mim porque eu era judeu . . . E aí eu bloqueei inclusive o estupro. E as coisas ficaram ali dormentes, inacessíveis mesmo até eu começar a elaborar o mal estar que existia em mim e com a análise eu fui, enfim, acessando coisas que eu não tinha condições de acessar. Então foi nessa... nesse panorama aí que eu.... enfim... me descobri gay e mudei minha vida. É uma sensação que sei lá eu ia morrer antes, que tinha uma coisa que eu não sabia o que era que tava me... me... corroendo por dentro.

A fala do entrevistado nos mostra as inúmeras nuances e desdobramentos possíveis das violências, sejam sexuais, físicas, verbais ou psicológicas, sofridas por pessoas homossexuais de maneira geral. Mesmo com o passar dos anos, apesar de termos evoluído bastante, essas violências ainda ocorrem no nosso contexto e deixam marcas para o resto da vida, que continuam a ser elaboradas na velhice. Mucida (2019) nos lembra que para a psicanálise não existe diferenciação entre o passado e o presente na realidade psíquica, portanto, a clínica psicanalítica com idosos é uma clínica possível, apesar de desafiadora.

Outra temática que apareceu durante as entrevistas e que a literatura nos aponta como um dos pontos nevrálgicos do envelhecimento de pessoas homossexuais e LGBTQIA+ no geral é a solidão que acompanha o idoso homossexual. De acordo com Henning (2020, p. 70), o risco de solidão é “uma das principais ameaças ao bem-estar e à velhice LGBT bem sucedida”.

Apesar de podermos ter uma ideia geral do que seria uma velhice ‘bem sucedida’, Henning (2020) nos lembra que devemos tomar cuidado com esse conceito, uma vez que o patamar e *checklist* que englobaria esses fatores podem se tornar barreiras rígidas para uma percepção individual de bem-estar. Uma vez que essa população já é marginalizada, ao definirmos critérios específicos para o envelhecimento bem sucedido, podemos estar

realizando um processo de “secundarização ou mesmo de exclusão discursiva de sujeitos LGBT vistos como inadequados ou desajustados em sua velhice” (Henning, 2020, p. 74).

Como resultado desse processo, corremos o risco de responsabilizar individualmente os sujeitos por uma situação definida negativamente “e a culpabilização destes por experimentarem uma velhice tida como infeliz, caso não sigam os pressupostos de envelhecimento reconhecidos como positivos e bem-sucedidos pela literatura” (Henning, 2020, p. 74).

Mesmo sem o pesquisador mencionar o significante solidão, Joana (66 anos) relatou sua percepção sobre o envelhecimento homossexual de uma maneira geral e o associou à solidão:

Agora o que eu mais vejo da velhice no homossexual é o que optou por não ter filhos, tanto o homem quanto a mulher, é a solidão, né? A solidão. Hoje, por exemplo, eu moro sozinha. É... enfim... então isso é forte! Mas assim, eu vejo também vários... eu tenho uma irmã que tem dois filhos heterossexuais, mas também mora sozinha. Então isso é muito relativo, mas é mais comum a solidão entre os idosos homossexuais. Então isso é um pouco forte, mas assim... eu sempre curti, tem o lado da solidão que eu curto muito, eu gosto muito de ficar sozinha, eu gosto muito de filmes, de ler. Então assim pra mim não é muito ruim.

É possível, portanto, notarmos uma ambivalência na fala da entrevistada. Por mais que ela enxergue a solidão como um problema em relação ao qual ela tem se debruçado cada vez mais, ela também a celebra como uma escolha. No entanto, ao longo da entrevista, Joana (66 anos) demonstrou uma preocupação crescente com essa escolha. Ela contou que uma semana antes da entrevista teve um problema grave de saúde que a fez necessitar de atendimento de urgência. A entrevistada narrou que conseguiu ser levada às pressas ao hospital pelas vizinhas, as quais ela comunicou e solicitou ajuda pelo telefone. Porém, como mora sozinha em uma chácara distante da área central de Brasília, ficou bastante preocupada e pensativa em relação a seu futuro.

Em concordância com Henning (2020), Alves et al. (2020) afirmam que a solidão é, de fato, maior entre os velhos LGBTQIA+, principalmente por conta de um histórico de estigmatização social e preconceitos sentidos durante a vida. Alves et al. (2020) associam essa solidão com o aparecimento de doenças, sejam físicas ou mentais, que têm menor incidência em idosos heterossexuais.

O discurso de Conceição (67 anos) se assemelha ao que foi relatado por Joana (66 anos) no que se refere à solidão e conseqüente preocupação com o futuro:

Ser uma idosa lésbica eu vejo de forma diferente, assim, pelo fato de eu não ter filhos. É uma coisa que eu nunca quis ter. Então isso hoje me faz uma pessoa assim... diferente de outras amigas mais próximas, que são hétero, porque elas tem filhos, né? Algumas são viúvas já, mas algumas tem marido também, então tem uma família... um núcleo familiar mais próximo. Diferentemente de mim nessa parte, mas como eu nunca quis ter filhos, né? Nunca me imaginei como mãe.. e eu percebo essa maior diferença.

No entanto, apenas as duas participantes lésbicas relataram ter medo da solidão futura, os participantes gays não demonstraram preocupação aparente com a temática, o que está de acordo com o estudo de Simões (2011) ao trazer as peculiaridades do envelhecimento de homens gays. Podemos fazer uma suposição de que essa problemática não surge para o participante Carlos (63 anos) porque ele possui dois filhos de um relacionamento heterossexual anterior. Já para Afonso (63 anos), a questão se mostra apenas como mais uma fase da vida a ser atravessada:

Eu não sei se eu sou pessimista ou não, mas ter filhos não é garantia de nada, muito pelo contrário. Pode até ser pior, sabe? E já que não veio dessa forma, vamos viver até onde dá, entendeu? Sem preocupação. Lógico... eu ainda eu fico brincando com os meus sobrinhos que o primeiro que me interditar está escrito no testamento que não vai levar nada. Tudo bem, eu tenho sobrinhos, mas eu não quero dar trabalho pra eles também de jeito nenhum. Cara, não dá pra pra gente prever. Aceito a vida e levo numa boa.

Perspectivas futuras positivas e resistências

Ah, eu acho que aquele sonho assim acho que todo mundo tem, né? De casar, morar num condomínio fechado, ter um cachorro e ser feliz ao lado de um cara e tal. Eu acho que não é tanta utopia assim, sabe? Eu acho que pode acontecer e vai acontecer. Mas se não for, eu tive uma vida até hoje maravilhosa, cara. Imagine um cara com sessenta e três anos, tem pai e mãe vivos, nunca perdeu ninguém, tem essa vida próxima e tal... eu gostaria muito de ter alguém. Tem essa expectativa de ter

alguém e estar junto e de morar junto ou até onde der pra ficar junto o máximo e ter algo junto e viajar e levar adiante uma vida (Afonso, 63 anos).

Apesar das perspectivas do envelhecimento homossexual enfocarem, em grande parte, nos desafios de vivenciar esse período, as entrevistas com os quatro idosos desta pesquisa nos proporcionaram a descoberta de potencialidades em seus discursos, que muitas vezes se contrapunham a quaisquer desafios relatados. Para Joana (66 anos), o significativo solidão, apesar de ter sido presente em algumas de suas falas, esteve encadeado diretamente com liberdade e felicidade. Ela discorreu um pouco sobre o significado de ser uma idosa lésbica atualmente:

Olha... (silêncio) para mim, eu tenho assim um certo orgulho de ter sido vanguarda na assunção [sic] entre aspas, né? De ter de uma certa forma, até no meu caso meio tímida, mas de ter lutado. De ter resistido aos homofóbicos, enfim. E uma lésbica idosa hoje pra mim significa muito solidão, mas eu não vejo solidão como algo só negativo. Eu gosto um pouco da solidão. Então assim, pra mim hoje é isso: eu sou uma lésbica idosa solitária. Mas isso não quer dizer que eu seja infeliz.

A fala de Joana (66 anos) nos permite refletir que o significado de solidão para a idosa não é o mesmo que imaginamos costumeiramente ao nos referirmos ao assunto. Para ela, sua solidão lhe permite um certo tipo de liberdade. Sua fala se articula diretamente com o que foi dito por Conceição (67 anos). Ou seja, o significativo solidão, vale lembrar que foi evocado pelas duas espontaneamente, esteve diretamente entrelaçado e seguido do significativo liberdade.

Então... pra mim hoje ser uma idosa lésbica, eu vejo por uma parte a solidão, mas eu acho que muito mais uma questão de liberdade. Hoje em dia é a liberdade de poder ser quem eu sou e fazer o que eu quiser, na hora que eu quiser. No meu canto. Então ser uma idosa lésbica eu diria que é noventa por cento liberdade e dez por cento solidão. Eu não tenho medo de uma futura solidão que possa chegar mais forte porque eu gosto muito da minha companhia. Então eu acho que hoje eu lido muito bem com a minha companhia e, eventualmente, no futuro talvez me faça falta alguém se eu precisar de algum tipo de ajuda, mas aí são as hipóteses futuras que só o tempo dirá (Conceição, 67 anos).

Além dessa perspectiva, Conceição (67 anos) também relatou que encontra apoio nos seus amigos para continuar a ter uma visão positiva da vida: “Existe a solidão sim... mas é uma coisa que assim... pra isso a gente cria a nossa família nos nossos amigos, no nosso círculo de amigos. Então eu sempre tenho os meus amigos muito próximos a mim”.

Essa fala da idosa se articula diretamente com o que foi teorizado por Alves et al. (2020, p. 147) quando descreveram o conceito de *Family Members by Choice*, que “podem ser caracterizadas como grupos de mulheres lésbicas que se reúnem para enaltecer suas vivências”.

Os autores discorrem que um dos maiores fatores protetivos e proporcionadores de um envelhecimento mais saudável entre idosos homossexuais, especialmente mulheres lésbicas, são as relações sociais construídas com amigos de orientações sexuais semelhantes. Alves et al. (2020) utilizam-se dos estudos de Hayman e Wilkes (2016) para afirmar que a solidão se torna mais problemática para a velhice de mulheres lésbicas quando elas não foram capazes de estabelecer uma rede de sociabilidade e apoio com amigos ao longo de suas trajetórias.

Quando essas mulheres estão em relação com outras pessoas que entendem, valorizam e enaltecem sua sexualidade, elas ficam mais fortalecidas e resilientes frente aos desafios impostos pela homofobia estrutural e da velhice (Alves et al, 2020), levando ao “encontro de potencialidades, em que estas podem se relacionar com outras, além de perceberem segurança para compartilhar um espaço acolhedor” (Alves et al., 2020, p. 147).

O imperativo da beleza e jovialidade, conforme explicitado anteriormente neste trabalho, é cruel com todos e atinge seu pico de cobrança na velhice, especialmente com as mulheres. No entanto, o discurso dos homossexuais masculinos entrevistados fugiu um pouco dessa perspectiva mais pessimista. Possivelmente pela leitura social comum de homens mais velhos como maduros, atraentes e seguros, enquanto essa leitura privilegiada não é feita com as mulheres. No entanto, a pressão estética na comunidade de pessoas homossexuais costuma ser um pouco maior que a pressão estética com os heterossexuais. Afonso (63 anos), relata ver um lado positivo no envelhecimento quando olhado a partir desse ângulo:

Eu não pretendo fazer implante, cirurgia plástica, porra nenhuma. É natural. Se gostar, vai ter que ser assim. Então, eu me aceito de boa. E é isto. . . Tem público pra

tudo, sabe? Tem um monte de gente que gosta de pessoas mais velhas e eu acho isso ótimo. Que bom que tem isso e tal. Isso é muito legal.

Já Carlos (63 anos), que atualmente vive um relacionamento poliamoroso com outros três homens mais novos, que variam dos 50 aos 30 anos de idade, também relatou perceber que há um nicho de homens que se interessam por homens mais velhos: “Tem outro grupo, né? De gays que só querem, inclusive só se interessam por gente mais velha, também tem isso”. No que se refere às suas estratégias para lidar com o sofrimento advindo da questão, discorreu:

Eu sentia [a pressão estética] quando eu ia dançar, que eu gostava, sentia aquele olhar de ‘quem é essa bicha velha, que não tem direito de estar aqui’, né? Não todo mundo, obviamente, mas você sentia que tinha . . . tudo bem, você pode ser grisalho, mas tem que ser sarado igual aos jovens sarados e corresponder aos, sei lá, a imaginação de cada um. Mas, tirando isso, assim... acho que vem é o famoso, né? Com a idade, vem o tal do foda-se, que é um grande alívio porque assim... eu caguei tão solenemente pelo que você pensa, pelo desconforto que a minha presença possa causar na sua vida, que sinto muito. Aqui estou, no meu direito de estar aqui, e se você acha que eu não tenho direito, olha pro outro lado e vai embora, resolva a sua vida. Vai fazer análise, aliás, antes de qualquer coisa, procure ajuda porque você tem problema. Se você acha que você não vai envelhecer é bom começar a pensar nisso enquanto você é jovem (Carlos, 63 anos).

Espiritualidade e morte

E aí você está sozinho numa praia, assim, olhando o sem fim, pra mim isso é Deus. Acho que quando você consegue se conectar num grau de... de... (pausa) ... tanta conexão é um grande abalo. Esse caminhão espiritual de quando você se desconecta do seu rame rame da vida e você faz puff... sei lá, olhar a fogueira... transar com meu namorado na fogueira com menos seis graus no meio da mata pra mim foi Deus. Para outros vai ser a coisa mais profana do universo, provavelmente. Mas eu tenho

certeza que Deus está aí, nesses lugares onde há conexão verdadeira, onde há conexão profunda com o cosmos. O resto tudo pra mim é balela (Carlos, 63 anos).

Margaça e Rodrigues (2019, p. 153) definem a espiritualidade na velhice como um fator de proteção na vivência dos idosos, que acaba se traduzindo em um “mecanismo de resiliência”. Ou seja, idosos que têm algum apego espiritual, mesmo que isso não envolva seguir uma religião específica, acabam conseguindo lidar melhor com os acontecimentos mais típicos dessa fase, como o luto por pessoas queridas que falecem com cada vez mais frequência ou o medo da morte.

Para Mucida (2019), a partir de uma ótica psicanalítica, o medo da morte não estaria necessariamente ligado à finitude da vida física, uma vez que o inconsciente desconhece a morte; mas sim “a morte do desejo, a exposição do gozo” (Mucida, 2019, p. 145), que escancara o desamparo.

Carlos (63 anos) contou que sua ligação com a espiritualidade é fluida. Ao ser questionado sobre fé, disse: “eu acredito e não acredito”. Porém, relatou que sua relação é ambígua também por conta do assédio sexual que vivenciou na infância por um padre católico.

Igreja eu não entro mais, pelas razões óbvias... Eu não posso nem escutar mais de padre, não posso, me dá uma falta de ar horrorosa ir pra qualquer igreja. Então tirando isso o resto... não sei... e ele quando me estuprou ainda me colocou de jo... na frente do altar, me mandou eu rezar Ave Maria e Pai Nosso pra limpar a minha alma. Grandessíssimo filho da puta. É... acho que também tem esses dois lados antagônicos com a espiritualidade porque, né? O lado mais escroto possível que eu podia imaginar e um lado de... não sei, acho que funciona como qualquer grupo de apoio.

Já Afonso (63 anos), anglicano evangélico, relatou que a espiritualidade tem um papel fundamental em sua vida. Ele contou que frequenta sua igreja há mais de 12 anos e faz questão de viajar 150 quilômetros e ir para São Paulo muitas vezes só por conta do culto, além de participar dos grupos de trabalho que são ofertados. Contou que nasceu em uma família católica e foi educado um período para ser padre, mas acabou não se identificando. Quanto à religião e sua sexualidade disse: “eu acho que Deus está pouco se lixando para saber se eu gosto de homem ou mulher”.

Quando questionado sobre como os frequentadores de sua igreja lidam com a sua sexualidade, explicou:

A Igreja Anglicana de São Paulo é muito legal, é totalmente inclusiva. A gente na nossa paróquia pode fazer casamento de A mais A, B mais B, A mais B mais C. Não, acho que de três não pode ainda (risos). Mas tem batismo de crianças nascidas de casais homossexuais. Esses dias mesmo tinha alguns meninos e meninas fazendo aquela iniciação, e as mães são um casal de mulheres, estão sempre lá e é muito legal. E tem um rapaz da igreja também que tem uma filhinha junto com outro cara e a filhinha também está lá, não tem problema nenhum. O nosso próprio reverendo é casado com outro cara e tranquilo.

A partir do recorte supracitado é possível inferimos que para Afonso (63 anos), a religião funciona como um ponto de conexão, apoio e encontro com outras pessoas que buscam o mesmo propósito. De acordo com Santos et al. (2013, p. 2324) “a religiosidade explica a vida, atribuindo significados aos fatos e dando-lhe contornos de sentido que confortam”. O fato de sua sexualidade não interferir como um impedimento à profissão da sua fé e a igreja funcionar verdadeiramente como um lugar acolhedor têm relação com o que foi discutido por Margaça e Rodrigues (2019) quando abordam a aumento da resiliência em idosos que pode ser promovida pela religião.

Joana (66 anos) relatou não ter uma religião e não gostar de religiões de uma maneira geral, apesar da simpatia pelo candomblé. Conceição (67 anos) também contou que cresceu sendo obrigada a frequentar a igreja católica, mas hoje em dia deixou de acreditar nos dogmas católicos e não tem certeza se ainda pode se definir como católica ou deve ser considerada “cética”.

Em relação à temática da morte, foi possível ser observado durante a condução das entrevistas que, por vezes, quando o assunto era levantado ocorriam reações de inibição ou desvio de assunto. Contudo, a unanimidade entre os entrevistados foi em relação a não quererem viver uma vida debilitada e sem autonomia.

Eu quero viver mais tempo, eu não quero morrer agora. Mas eu quero viver e ter qualidade de vida, sabe? Uma qualidade de vida pelo menos razoável. Se não tiver, eu prefiro a morte. Eu não quero assim... isso é tudo ideal, né? Mas eu não quero dar trabalho para ninguém (Joana, 66 anos).

Conceição (67 anos) também relatou não querer depender de outras pessoas para realizar atividades básicas, como se alimentar, comer ou fazer suas necessidades básicas, mas afirmou não ter medo da morte de maneira geral.

Se for pra morrer, agora já não é mais uma questão pra mim. Porque por muito tempo eu tinha medo de morrer sem ter vivido as coisas que eu queria ter vivido, mas hoje eu acredito que eu já vivi muitas coisas que eu queria ter vivido. Então se o momento eventualmente chegar, eu não vou ter medo da morte como eu teria se fosse há alguns anos atrás.

Para Afonso (63 anos), seu apego à religiosidade lhe dá forças para pensar na morte como uma passagem tranquila, uma vez que acredita na vida após a morte. Ele relatou:

Eu não acredito que eu volte, eu acho que essa história de voltar e tal não entra muito na minha cabeça. Mas acho que existe algo depois. E acredito muito em Deus também. Isso foi uma força pra mim violenta, cara. Até falo abertamente com ele na boa, não vou esconder para ele nada.

Unindo as duas temáticas abordadas nesta categoria de análise, Joana (66 anos) acredita que sua falta de religiosidade lhe proporciona tranquilidade, por não acreditar em uma vida após a morte. Quando foi questionada se tem medo de morrer, relatou: “Eu não tenho medo, né? Assim, essa falta de religiosidade também aí te dá uma certa coisa assim ‘putz, morreu acabou, né?’ Aí estou bem, então não tenho medo não, eu acho que eu já vivi legal, bastante”.

Para a finalização da entrevista, os participantes foram perguntados sobre os desejos e expectativas para o futuro. A visão otimista apresentada por todos surgiu como uma agradável surpresa durante a realização desta pesquisa. O participante Carlos (63 anos) resumiu seus desejos em:

É aquilo que todo mundo deseja, né? Que eu congega chegar lúcido, com autonomia, com afeto ao redor, e sei lá o que... sexo até morte (risos). E isso é o que a gente deseja, né? Se vai acontecer, não sabemos... mas claro, os planos vão também... a gente vai diminuindo de planejar porque o fato é aquela frase, né? Não temos uma vida pela frente, mas temos uma vida pelas costas. Se for ver a proporção é isso. É... mas eu acho que é fazer pequenos planos, sabe? Assim, planos palpáveis. Então agora eu tô conectado, tô terminando um livro, tô terminando duas exposições e eu

sou muito assim, entendeu? É aquilo, eu não vou pensar muito na morte, vou pensar na vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou o envelhecimento da população homossexual com o objetivo de compreender como esse processo impacta as diferentes subjetividades de homens gays e mulheres lésbicas quando articulado às vivências em uma sociedade homofóbica. Foi possível observar a partir das falas e dos discursos dos participantes que a velhice se apresenta de uma maneira múltipla, impossível de ser categorizada e estigmatizada.

As entrevistas revelaram que, embora o envelhecimento possa trazer desafios e dificuldades, os indivíduos homossexuais mostraram uma notável resiliência em lidar com os fatores estressores presentes, muitas vezes afirmando que passam por processos similares à população heterossexual, apesar de alguns agravantes específicos.

No início da formulação da pesquisa, o autor estava interessado apenas em entender de que maneira se inscrevia o sofrimento advindo com a chegada da velhice em uma sociedade de culto à jovialidade e à beleza. No entanto, ao longo da pesquisa foi percebendo que os sofrimentos se tornam pequenos quando colocados em perspectiva em relação às alegrias vivenciadas pelos participantes ao viverem uma vida autêntica em relação às suas sexualidades.

Portanto, com as entrevistas foi possível perceber que o último substantivo presente no título da pesquisa, resiliência, acabou tornando-se o ponto central da pesquisa. Essa resiliência parece ser fortalecida pela experiência de vida única dos entrevistados, que enfrentaram diversas adversidades ao longo de suas trajetórias, cada um à sua maneira.

A base psicanalítica foi fundamental para o entendimento de que, durante a história, ao idoso foi relegado o lugar do esquecimento, mas hoje em dia uma clínica psicanalítica com idosos é uma realidade mais que possível. Além disso, também ajudou a compreender e tomar os sujeitos da pesquisa como únicos, mesmo que apresentando algumas experiências e discursos similares. Assim, a subjetividade de cada um deve ser levada em conta para

entendermos as multiplicidades dessas pessoas que atravessaram parte da história da população LGBTQIA+ em nosso país.

No entanto, os sujeitos participantes da pesquisa foram difíceis de serem encontrados. Alguns idosos que foram convidados disseram não se sentir confortáveis para discutir sobre a temática, outros disseram que não se sentiam velhos e, portanto, não seriam adequados para a pesquisa. Mesmo após a explicação do autor da pesquisa, essas pessoas não se mostraram abertas.

Ao solicitar ajuda da minha rede de contato, alguns nomes foram prontamente sugeridos como possibilidade de serem entrevistados. Contudo, muitos deles não são abertamente assumidos para a sociedade, exercendo sua sexualidade apenas no âmbito privado, portanto não aceitaram serem entrevistados sobre uma temática tão sensível. Além das questões relativas à sexualidade, a própria velhice e a morte ainda são temas tabu em nossa cultura. Portanto, a captação dos participantes foi um período que demandou muito tempo e esforço.

A epidemia da Aids, que antes não havia sido considerada na pesquisa em sua fase inicial, pode, inclusive, ser uma resposta ao pequeno número de sujeitos aptos a participarem da pesquisa. Ouvir pessoas que viveram a época e foram impactados diretamente pelo período foi um dos aprendizados conquistados com a realização desta pesquisa.

Como estamos vivendo em um país no qual o crescimento demográfico de idosos é crescente, é fundamental atentarmos às vivências específicas desse grupo, dando atenção especial aos idosos LGBTQIA+. É fundamental que profissionais de todas as áreas e, principalmente, os profissionais da saúde e cuidadores estejam sensibilizados para as particularidades dessa população e ofereçam suporte adequado, garantindo um envelhecimento saudável e pleno.

Acredito que os objetivos propostos de analisar de que forma a orientação sexual produz impactos nos processos psíquicos das pessoas dessa faixa etária; examinar os efeitos subjetivos acarretados pela homofobia e suas implicações nas dinâmicas de sofrimento psíquico e nas estratégias de resistência e cuidado à saúde mental; e identificar as consequências subjetivas dos estereótipos relacionados ao envelhecimento desse grupo foram atingidos.

Para os trabalhos futuros envolvendo a temática, sugere-se fazer um recorte de classe e raça que aprofundem ainda mais as peculiaridades desse grande grupo. Uma vez que a presente pesquisa não se propunha fazer esse recorte, três dos participantes foram pessoas brancas e todos com boas condições financeiras. Sugere-se, então, que as futuras pesquisas possam esmiuçar as possíveis diferenças entre esses recortes.

Esta pesquisa representa um dos passos para ampliar o conhecimento sobre o envelhecimento da população homossexual. Futuros estudos podem aprofundar essas questões, considerando diferentes metodologias e abordagens teóricas, assim como ampliando a diversidade dos entrevistados para que assim possamos ter uma compreensão ainda mais abrangente e aprimorada sobre essa temática tão relevante e atual.

Em suma, acredito que esta pesquisa desempenha um papel significativo na ampliação do entendimento das vivências de idosos e idosas homossexuais. Assim como ajuda também a traçarmos paralelos com outras questões fundamentais, como espiritualidade, homofobia, morte, solidão e resistência. Além disso, considero também que este trabalho pode enriquecer a formação de psicólogos e psicólogas para uma compreensão mais ampla das questões relacionadas à prática profissional que preza pela ética, sensibilidade e interesse genuíno no sujeito.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. E. S, Rabelo, D. F., Silva, J., & Fernandes-Eloi, J. (2020). A sexualidade de mulheres lésbicas na velhice: Discussões acerca do ageísmo, heterormatividade e família. In L. F. Araújo & H. S. Silva (Eds.), *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp. 137-152). Alíneas.
- Araújo, L. F & Silva, H. S. (2020). Velhice LGBT: Apresentação de um panorama de estudos nacionais e internacionais. In L. F. Araújo & H. S. Silva (Eds.), *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp. 17-45). Alíneas.
- Bock, A. M. B. (2007). A Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia. In Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (Orgs.). (2007). *Psicologia Socio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (3a ed, pp. 15-35). Cortez.
- Brito, F. L. C. B., & Rosa, J. M. de. (2018). "OS LEPROSOS DOS ANOS 80", "CÂNCER GAY", "CASTIGO DE DEUS": homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. *Revista Observatório*, 4(1), 751-778.
<http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>
- Cronin, A., & King, A. (2012). Only connect? Older lesbian, gay and bisexual (LGB) adults and social capital. *Ageing and Society*, 34(2), 258–279.
<https://doi.org/10.1017/s0144686x12000955>
- Fernandes-Eloi, J., Dantas, A. J. L., Souza, A. M. B. D., Cerqueira-Santos, E. & Maia, L. M. (2017). Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. *Saúde & Transformação Social*, 8 (1), p.61-71, 2017.
<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/4196/4964>
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70), 257-278.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>

- Freud, S. (1904/2017). Fundamentos da clínica psicanalítica. Autêntica.
- Freud, S. (1915/2010). Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Companhia das Letras.
- Freud, S (1930/2010). Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). Companhia das Letras.
- Gil, A. C. (2017). Como elaborar projetos de pesquisa. (6a. ed.). Atlas.
- Goldsen, K. F., & Vries, B (2019). Global Aging With Pride: Internacional Perspectives on LGBT Aging. *The International Journal of Aging and Human Development*, 88(4), 315-324.
<https://doi.org/10.1177/0091415019837648>
- Lima, M. A. S., Silva, J., Saldanha, & A. A. W. (2020). Invisibilidade de idosas lésbicas no campo da saúde. In L. F. Araújo & H. S. Silva (Eds.), *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp. 153-172). Alíneas.
- Lira, K. F. S. de. (2018). Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 12(18), 140-170.
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/13579>
- Margaça, C., & Rodrigues, D. (2019). Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: uma revisão. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(2), 150-157.
<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5690>
- Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. *Caderno de Saúde Pública*, 9(3), 239-262.
<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>
- Mucida, A. (2007). O sujeito não envelhece. Autêntica.
- Organização das Nações Unidas, Departamento de Economia e Assuntos Sociais, Divisão de População. (2019). *Prospectos da População Global 2019*, Edição Online.
<https://population.un.org/wpp/Download/Standard/Population/>
- Orlandi, E. P. (2005). *Análise do discurso: princípios e procedimentos* (5a. ed). Pontes.

- Rabelo, D. F., & Davi, E. H. D. (2020). Recursos psicológicos e sociais ao longo do envelhecimento LGBT: Perspectiva life-span de desenvolvimento humano. In L. F. Araújo & H. S. Silva (Eds.), *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp. 47-60). Alíneas.
- Rosa, M. D. & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188.
- Santos, J. V. O., Araújo, L. F., Fonseca, L. K. F., Salgado, A. G. A. T., & Jesus, L. A. (2020). O que os brasileiros pensam acerca da velhice lgbt? Suas representações sociais. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 38(2), 1-14.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5876>
- Santos, W. J., G., K. C., Pereira, J. K., & Firmo, J. O. A. (2013). Enfrentamento da incapacidade funcional por idosos por meio de crenças religiosas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(8). 2319-2328.
- Silva, D. Q. (2013). A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. *Estudos de Psicanálise*, 39(7), 37-46.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100004
- Silva, H. S., & Araújo, L. F. (2020). Velhice LGBT: Apresentação de um panorama de estudos nacionais e internacionais. *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais* (Cap. 1, pp. 17-46). Alíneas.
- Simões, J. A. (2011). Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *A terceira idade*, 22(51), 7-19. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300221>

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do trabalho: Envelhecimento homossexual: desafios e perspectivas

Instituição dos pesquisadores: UniCEUB

Pesquisadora responsável: Lívia Campos e Silva

Pesquisador assistente: Nicolas Tribuzy de Mello Rodrigues

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é compreender os sentidos atribuídos aos processos de envelhecimento por idosos homossexuais.

- Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) para aprofundar o conhecimento dos pesquisadores acerca do envelhecimento da população homossexual.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consistirá em participar de uma entrevista que terá como tema central o envelhecimento de pessoas homossexuais.
- A entrevista tem duração prevista de uma hora. O participante deve encontrar o pesquisador no dia, horário e local previamente combinados ou entrar na sala virtual no dia e horário previamente combinados.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- A pesquisa será realizada na própria residência do entrevistado ou de forma online, através da plataforma Google Meet, em uma sala virtual criada pelos pesquisadores, tendo em vista o contexto atual de pandemia.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre o envelhecimento de pessoas homossexuais.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores assistentes.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade do pesquisador assistente Nicolas Tribuzy de Mello Rodrigues, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

-

Pesquisadora Responsável: Lívia Campos e Silva

Celular: (61) 981334255

– E-mail: livia.campos@ceub.edu.br

Pesquisador Assistente: Nicolás Tribuzy de Mello Rodrigues

Celular: (61) 99644-8181 – E-mail: nicolas.tribuzy@sempreceub.com

Endereço do/a(os/as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1200

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Conte-me sobre como foi o processo de reconhecimento da sua orientação sexual.
2. De que maneira a sua orientação foi compreendida ou produziu efeito no seu contexto familiar?
3. De que maneira a sua orientação foi compreendida ou produziu efeito no seu contexto profissional?
4. Para você, qual o sentido do envelhecimento?
5. O que significa ser um idoso LGBT+?
6. Quais os impactos que o reconhecimento da sua orientação sexual em uma sociedade homofóbica produziu em termos de sofrimento psíquico?
7. Quais as estratégias que você utiliza para lidar com essa forma de violência e o sofrimento por ela acarretado?
8. Quais suas expectativas para o futuro e qual relação que você estabelece com a morte?
9. Qual a sua relação com a religião/espiritualidade?
10. Gostaria de falar a respeito de algo que não foi tematizado?